

# Biografias coletivas: as três gerações da *Enciclopédia do Integralismo*<sup>1</sup>

Rodrigo Christofolletti\*<sup>2</sup>

“(…) Mais uns anos e todos esses homens serão vinte linhas esquematizadas e arbitrarias em uma enciclopédia, sem sopro nem movimento (...) uns como cópias deles mesmos, outros, cujo nome nem vale a pena nomear, para poderem repousar com menos infelicidade no seio de Deus, eram pura e simplesmente escritores vendidos, sem alma nem fê”  
(Antonio Cândido – prefácio da obra de Sergio Micelli)

A biografia e a História, como alerta o historiador francês, Philippe Levillain tiveram durante muito tempo relações de alternativa e não de hierarquia ou de complementaridade. Ambas divergiam, aliás, desde os gregos, inclusive em seu próprio modo de expressão: narrativo para a História destinada a mostrar a mudança, e descritivo para biografia, dedicada a celebrar a natureza dos homens tarefa que a História “de bom grado lhe deixava” (LEVILLAIN, 2003:147). Então, a biografia, como uma expressão do panegírico, dividida entre a história de vida, isto é, a análise das virtudes num mundo cronológico, e o perfil, busca de possibilidades de como eram a partir de dadas circunstâncias, tem sido, cada vez mais experimentada, não só como alternativa da busca pelos fatos e enredos históricos, mas como uma nova e significativa frente de análise.

Concomitantemente, a busca por se entender os diversos grupos constituintes do político, foi facilitada graças às análises das chamadas biografias coletivas, processo que assistiu a um volumoso aumento nas últimas duas décadas. Isto possibilitou aos historiadores e biógrafos aprofundarem suas análises e a eficácia dos mecanismos de apreensão e representação contínuas de grupos específicos, como foi o caso dos integralistas analisados neste estudo, por meio do método prosopográfico. (CHARLE, 2006: 45).

---

<sup>1</sup> Parte deste texto foi originalmente escrita para compor a tese intitulada: *A Enciclopédia do Integralismo: lugar de memória e apropriação do passado (1957-1961)*, defendida em agosto de 2010 na Fundação Getúlio Vargas – CPDOC, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marieta de Moraes Ferreira.

<sup>2</sup> \* Doutor em História e Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas – CPDOC. Professor da Universidade Católica de Santos – Unisantos e educador da Universidade de São Paulo – USP no Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos.

A proposta deste texto é, a partir dos escritos da *Enciclopédia do Integralismo*, interpretar algumas questões relativas ao universo das pessoas que participaram ativamente de seu processo de publicação, aprofundando-nos no que a enciclopédia traz sobre as visões de mundo integralista. Para analisarmos o compêndio não seria suficiente apenas a seleção e a interpretação dos escritos em si (do que tratam, como e quando foram escritos, porque a predileção ou a seleção deste ou daquele escrito em detrimento de outros, dentre outras questões relevantes), mas antes disto, tornou-se fundamental inventariar, analisar e estabelecer correlações sobre quem são os indivíduos presentes neste compêndio e como suas biografias se entrecruzam, justamente por acreditarmos que é deste inter cruzamento que surgirão informações relevantes para a análise dos escritos compilados na enciclopédia.

A rede de sociabilidades e trocas estabelecida entre estes indivíduos pode ser mais bem analisada a partir do método prosopográfico. Por isso, a utilização deste método que pode ser utilizado como uma relevante ferramenta analítica de grupos atuantes na esfera do político. Geralmente utilizado para dar conta de uma investigação das características comuns de um grupo, a prosopografia<sup>3</sup> visa entender a estrutura e a mobilidade social dos membros deste grupo.

É, a partir desta proposta, que se pretende estabelecer correlações entre as biografias de um conjunto de integralistas vinculados a esta publicação. Graças à prosopografia torna-se possível conhecer de forma profunda as pequenas coletividades representativas, visto que as biografias coletivas permitem renovar as respostas às grandes questões “(...) pois, nas abordagens prosopográficas os grupos se definem por suas propriedades relacionais ou por suas imagens recíprocas, ou ainda por sua capacidade em impor uma imagem de si mesmos aos outros mas também a maior parte de seus membros. (CHARLE, 2006, p. 44)

A divulgação do texto de Lawrence Stone, denominado *Prosopography*, publicado na Revista *Daedalus* em 1971 (STONE, 1972: 108) possibilitou que muitos historiadores voltassem os olhos para este tipo de abordagem. O mérito de Stone foi retomar reflexões sobre o método, qualificando-o de forma mais sistemática e

---

<sup>3</sup>A raiz etimológica da palavra “prosopografia” deriva de prósopon (caráter ou pessoal) mais gráphein (escrever). Este termo firmou-se no sentido de designar o exame dos laços familiares e das carreiras de um número considerável de pessoas numa dada sociedade, num determinado período, com vistas ao estabelecimento de inferências a respeito de sua estrutura social e política.

concentrando-o como uma investigação das características básicas comuns a um grupo de indivíduos na história por meio do estudo coletivo de suas vidas. Mas, a despeito dos esforços deste método de se firmar como uma ferramenta de análise profunda, alguns autores sinalizam o caráter exacerbado dos trabalhos prosopográficos sobre as elites, indicando ser este um método apenas utilizado para se entender apenas esta fatia do espectro social.

Basicamente o método prosopográfico define um universo que inclui dados sobre nascimento e morte dos indivíduos, laços de casamento e parentesco, origens sociais e posição econômica herdada, local de residência, educação, montante das fortunas pessoais ou familiares, ocupação, religião, trajetória política, experiência profissional, dentre outros. Assim, algumas perguntas básicas poderiam orientar a busca dos historiadores por informações sobre o inter cruzamento de tais biografias. A prosopografia buscaria, então, a análise do indivíduo em função da totalidade a qual ele faz parte. Neste sentido, visa ser a investigação das características subjacentes comuns a cada grupo de atores mediante o estudo coletivo de suas vidas. E neste sentido, vale demarcar a dimensão comparativa que o método prosopográfico apresenta, tateando os labirintos das semelhanças e diferenças com a mesma atenção.

### **Uma proposta em evidência**

Este texto busca apresentar de maneira sucinta a trajetória social de uma categoria de indivíduos atuantes no movimento integralista, em torno da publicação da *Enciclopédia do integralismo* – uma espécie de “resumo da ópera do movimento”, tal como foi denominado em finais dos anos 1950 por seus próprios integrantes. A expressão: “resumo da ópera integralista” foi adotada pelos idealizadores do empreendimento, com vistas a englobar um conjunto de letrados que participaram de três gerações de integralistas (décadas de 1930, 1940 e 1950), alguns dotados de nome e projeto próprios, a despeito da maioria – como diria (MICELLI, 2001: 98), - terem passado à vala sem direito a reconhecimento, biografia ou menção.

A seleção das fontes para este mister, assim como dos autores biografados neste estudo obedeceu à pré seleção realizada pelo editor da *Enciclopédia do Integralismo*, mas foi incentivada graças a existência de um pequeno número de memórias publicadas e, em maior grau, pela necessidade de se construir uma trajetória que interligasse tais

memórias em uma biografia coletiva. Na verdade, esta opção revela informações a respeito de categorias de intelectuais que ocupam momentaneamente posições diferentes no campo de forças do integralismo.

Cabe ressaltar que a construção de um modelo coletivo com base nas análises das variações das trajetórias individuais, envolve dilemas que resultam, em grande medida, dos limites impostos pelo material disponível. A seleção prévia dos autores, bem como dos temas, aponta para o fato de que seu idealizador não conseguiu desvencilhar-se por completo de dilemas que acompanham o intelectual: compilar memórias ou biografias? Enfatizar qual gênero em sua produção intelectual? Disto decorre entender que posições tais intelectuais ocupam no campo de forças e qual o caráter que prevalecerá na seleção e compilação por ele proposto: se como relato biográfico ou apologia biográfica. No caso da *Enciclopédia do Integralismo* o que se verifica é a mescla de ambos os procedimentos, com uma clara tendência à apologia.

Neste sentido, a biografia trata quase sempre de escritores que se consagraram ainda vivos, (Plínio Salgado, Miguel Reale, Gustavo Barroso, Olbiano de Melo dentre outros) ou tornaram-se postumamente relevantes, ao passo que as memórias constituem um gênero de investimento praticado diversas categorias de indivíduos (Gumercindo Rocha, e militantes e ou participantes da *EI*) não menos importantes, porém menos evidenciados. No caso de Gumercindo Rocha Dórea, sobressai a noção de que tendo como alvo a reconstituição da história social do integralismo e de parte de seus quadros, sobretudo no período pós 1950, o relato autobiográfico deste militante assumiu contornos de trajetória significativa, se atentarmos para os dilemas morais, intelectuais e políticos com que provavelmente se defrontou.

Parcela significativa dentre os memorialistas integralistas (escritores que se viram quase alijados dos preitos do reconhecimento dada a sua filiação ideológico-partidária) buscou a partir dos escritos da *Enciclopédia do Integralismo* compensar o insucesso de seus empreendimentos literário-políticos, com uma carreira bem sucedida em atividades como o jornalismo, a jurisprudência, a assessoria jurídica, a política profissional. Assim, quanto mais se sentiam preteridos, tanto maiores eram suas incursões nas memórias. Outro dado relevante é que a manutenção desta memória também fez parte das pretensões de muitos destes produtores ou compiladores de memórias. Aliás, inúmeros memorialistas ou “guardiães da memória” política-

institucionais de um dado grupo - a exemplo de Gumercindo Rocha Dórea- como obra desta manutenção, também redigiram biografias ou efemérides sobre seus escritores célebres, o que não deixa de ser uma maneira de tentar impor sua “presença no campo de forças” por procuração. Este é o caso de Gumercindo Rocha que, com o empreendimento da enciclopédia passa recibo de procurador de vários autores, sobretudo, de seu chefe político e guru intelectual, Plínio Salgado.

Cabe ressaltar que esta seleção foi antes de tudo motivada pela dificuldade de se encontrar dados biográficos sistematizados sobre muitos destes personagens. Antes de serem completos, são quadros que se apresentam dentro de uma leitura processual, de construção contínua. Em seguida foi realizado um levantamento de informações sobre os contextos históricos em que cada personagem aparecia, levando-se em consideração a orientação contida na obra de Adeline Daumard (Apud FERREIRA, 1998: 34), principalmente quanto à procura de fontes que nos fornecessem uma gama variada de informações sobre grupos sociais. Tal busca possibilitou revelar certas experiências e inclinações de tais personagens, o que sinalizou a necessidade de entrecruzar as informações arregimentadas, no intuito de formalizar uma rede de aproximações entre os indivíduos em questão.

Do universo de indivíduos que aparecem na *Enciclopédia*, parte permaneceu vinculada ao partido integralista no período pós-guerra. No entanto, membros representativos do movimento em sua atuação na década de 1930 tais como, Gustavo Barroso, Miguel Reale, Helder Câmara – só para citar os quadros mais representativos da primeira geração integralista – em geral, por razões claramente ideológico-partidárias, criaram condições para reconverter sua trajetória intelectual e política em outras direções. Assim, no momento da publicação do compêndio tais nomes não estavam mais associados ao integralismo, nem mesmo permaneciam vinculados à sua matriz doutrinária. Todos estes integralistas que, no momento da publicação da *Enciclopédia do Integralismo* não fazem mais parte do movimento foram legatários de uma fase (anos 1920-1930) em que as condições sociais favoráveis à profissionalização do trabalho intelectual, sobretudo em sua forma literária e jurídica, favoreceram a formação de um campo intelectual relativamente autônomo.

Portanto, muitos integralistas que assinaram textos republicados nos volumes da *Enciclopédia do Integralismo*, são estes jovens que nos anos 30 eram não só militantes

do movimento, como ajudaram a construir o perfil ideológico do movimento. A permanência ou afastamento destes indivíduos no integralismo não foi pensado como critério de descarte ou seleção pelo compilador e organizador do compêndio. Pensou-se apenas em “compilar nomes e escritos que focasse uma determinada leitura do que fora o movimento em diferentes momentos de atuação político-simbólica”. (ROCHA DOREA, 2008)

Isto ajuda a explicar o porquê tal compêndio foi dividido destacando a aparição de três gerações distintas de um total de 53 integralistas<sup>4</sup> que atuaram e vivenciaram momentos diferentes da ação política do integralismo. Há nestes escritos diversas posições que podemos considerar dissonantes, a despeito de seu organizador publicizar nos jornais integralistas dos anos 50 que se tratava de “uma obra orgânica que fugia da contradição e da contestação” (*A Marcha*, 7,9,1957,p.4). Neste sentido, muitas posições intelectuais identificadas nos escritos não são autônomas em relação ao poder doutrinário de Plínio Salgado, o que aponta para uma hegemonia do integralismo *pliniano* dentro do compêndio.

### **Ângulos de um mesmo objeto**

Plínio Salgado, em conferência gravada em 1968 faz uma retrospectiva do que denominou as *três pontas do triângulo geracional* do movimento integralista:

*(...) A primeira geração colocarei entre 1931 e 1938. Daí desenvolveu-se a AIB. Houve, então, um interregno no período da ditadura. A juventude foi abandonada. Durante esse tempo estive exilado. Regressei em 1946. Tomei contato com os moços. Nascia uma segunda geração. Após criar o PRP, em 1952 passei a contar com um grupo de jovens. Fundei então os Centros Culturais da Juventude que até 1966, se consubstanciou como a terceira geração. (...) Esta militância geracional colaborou em diversos níveis para que, não só o integralismo, mas, sobretudo o nosso projeto de nação pudesse de alguma forma vingar. (...)*. (SALGADO, 1968, p76.)

Tomando emprestada a noção de “militância geracional” levantada por Salgado em diversos depoimentos ao longo de sua vida e aprofundando sua visão sobre quem, de fato, teria participado dessas gerações sinalizaremos, a seguir, nomes que ajudaram a constituir o movimento integralista em seus três momentos de ação efetiva: a) o período

---

<sup>4</sup>Excetuando os demais 52 poetas compilados no volume 7. Portanto, a EI ilustra o pensamento de 105 autores integralistas, número que, por si só sinaliza para as variantes dos discursos e posturas presentes neste compêndio.

da criação da AIB, b) o que é caracterizado pelo exílio de Salgado em Portugal e a instituição do Partido de Representação Popular, c) e finalmente, a retomada das alegorias, símbolos e rituais do movimento, encampada em finais da década de 1950, a partir da celebração dos 25 anos de criação do integralismo e seus braços culturais.

A idéia da reconstituição da simbologia/ritualística integralista incentivada por esta concepção de “militância geracional” partiu, sobretudo, do sentimento de exclusão dos adeptos de Salgado, que se sentiam apartados do conjunto da sociedade, necessitando reafirmar sua presença, propor alternativas e releituras, variações e possibilidades para que sua visão de mundo e objetivos encontrassem espaço. Nos anos 50 tal necessidade tornou-se ainda mais premente. A permanência integralista na ordem democrática vigente precisava ser legitimada, o que se tentou por meio das celebrações de seus 25 anos, das publicações de cunho comemorativo, do incremento das propagandas, da sua releitura de mundo, enfim, da criação de uma plataforma que propagandeasse tal leitura.

Nesse sentido, as biografias e as memórias correlacionadas a este empreendimento podem ser interpretadas à luz de alguns escritos de Pierre Bourdieu. Para o sociólogo, há uma grande diferença entre o conceito de biografia e a maneira como este é comumente empregado. Aqui é fundamental nos lembrarmos das advertências do autor a respeito do conceito de história de vida e deste tipo de teoria construída. “A rigor,(...) os eventos biográficos não seguem uma linearidade progressiva e de causalidade, linearidade de sobrevôo que ligue e dê sentido a todos os acontecimentos narrados por uma pessoa. (...) Daí decorre a ubiqüidade dessa construção *post festum*, uma ilusão biográfica muito comum no senso comum e no senso comum científico” (Bourdieu, Passeron et al., 1968)

Assim, devemos precaver-nos contra a criação da ilusão biográfica, situando claramente os agentes sociais em seu grupo social, procurando narrar e delinear claramente a construção diacrônica da trajetória de tais grupos nos diversos campos de atuação. Esta é a idéia central para o entendimento da proposta *bourdieusiana* de análise dos campos. O papel das dinâmicas geracionais e suas trajetórias nos campos e na constituição das sociedades sempre foi salientado dentro da teoria de Bourdieu. Estas categorias de análise (geração e trajetórias) podem, em analogia, ser percebidas em um estudo mais acurado sobre as gerações da *Enciclopédia do Integralismo*. Ainda de

acordo com o sociólogo, perseguir uma trajetória significa acompanhar o desenrolar histórico de grupos sociais concretos em um espaço social, definido por esses mesmos grupos em suas batalhas pela definição dos limites e da legitimidade, dentro do campo em que se inserem. Assim, o método prosopográfico preenche plenamente a exigência metodológica de Bourdieu de substituir a poeira das histórias individuais por famílias de trajetórias intrageracionais no seio do campo da produção cultural (1996a). Torna-se, então, fundamental não só analisar quais temas contém os volumes desta *Enciclopédia*, mas, sobretudo, verificar como gerações e indivíduos se coadunam, decorrendo disto percebermos que propostas, valores e ações buscavam prescrever às futuras gerações.

### **Procede a idéia geracional?**

A utilização do termo “geração” exige do pesquisador certa precaução. Não se trata aqui da geração no sentido biológico, mas cultural. O conceito geracional aqui aplicado trata do pertencimento de uma dada faixa etária com uma forte identidade diferencial que busca nas similitudes, aproximações e fidelidades esteio para suas ações. (SIRINELLI, 1997: 133) Polimorfa e multifacetada a noção de geração vem dividindo estudiosos das ciências sociais, há décadas. Para François Sirinelli, as considerações e os efeitos da cultura de vivência etária e dos fenômenos de geração dos indivíduos são essenciais para o intelectual que sempre se define:

*“(...) os esclarecimentos dos efeitos da idade e dos fenômenos de geração no meio intelectual vão além do procedimento descritivo, (...) o parâmetro definido pela idade deve ser igualmente levado em consideração (...) porque é definido **por um estrato demográfico unido por um acontecimento fundador não externo, e que define tal geração** (...) Esta geração, por sua vez extrai desta gestação uma bagagem simbólico-cultural-genética construída a partir de uma dada memória coletiva, uma composição composta cultural e socialmente”*  
(SIRINELLI, 1997:135)

Por outro lado, com relação às diversas interpretações sobre o integralismo ter ou não se subdividido em três diferentes gerações, alguns membros do movimento são enfáticos e contestam a idéia de que o integralismo teve gramaturas diferentes ao longo das décadas. Exemplo significativo é dado no depoimento do poeta Gerardo Mello Mourão. “(...) O conceito de geração é tão polissêmico quanto foram os heterônimos do

Pessoa. Não há efetivamente uma subdivisão ideológica entre tais autores. O que há, se é que há, é a obviedade das diferenças etárias e temporais”<sup>5</sup>.

Mello Mourão assevera que o fato de os integralistas terem se multiplicado em variações não significam terem sido formadas gerações distintas. Para o poeta, o conceito de geração é antes de tudo multifacetado. Pode tratar de faixa etária, como pode referenciar propostas políticas, ou mesmo, concepções comportamentais próximas ou distintas. Mas o fundamental, de acordo com Mello Mourão, é solidificar a noção de que a geração a qual ele pertenceu foi marcada profundamente por um estigma, o que ele chama de um *salvacionismo impertinente*, isto é, uma predestinação a salvar os desvalidos, municiado apenas de um discurso bem intencionado. As três gerações integralistas carregaram consigo este estigma, fator que, certamente, colaborou muito para que parte da sociedade olhasse para os integralistas com grande desconforto.

### **Apontamentos sobre um retrato coletivo integralista**

**Baudolino** – Dizia de mim para mim, quando eu estiver com uma idade avançada – vale dizer, agora – hei de escrever as Gesta Baudolini, tendo por base estas notas. Assim, no curso de minhas viagens, eu trazia comigo a história da minha vida. Mas na fuga do reino de Preste João... [...] perdi aqueles papéis. Foi como se tivesse perdido minha própria vida.

**Nicetas Coniates** – Dirás o que puderes lembrar. Trabalho com fragmentos de episódios, restos de acontecimentos, e tiro disso tudo uma história, tecida num desenho providencial. Quando me salvaste, tu me deste o pouco futuro que me resta e te recompensarei, devolvendo a ti o passado que perdeste.

**Baudolino** – Mas minha história talvez não faça nenhum sentido...

**Nicetas Coniates** – Não existem histórias sem sentido. Sou um daqueles homens que o sabem encontrar até mesmo onde os outros não o vêem. Depois disso, a história se transforma no livro dos vivos, como uma trombeta poderosa, que ressuscita do sepulcro aqueles que há séculos não passavam de pó... Para isso, todavia, precisamos de tempo, sendo realmente necessário considerar os acontecimentos, combiná-los, descobrir-lhe os nexos, mesmo aqueles menos visíveis. Além do quê, não temos outra coisa a fazer, os teus genoveses dizem que devemos esperar que se acalme a raiva daqueles cães

(ECO, Umberto. **Baudolino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 17-18)

---

<sup>5</sup> Entrevista de Gerardo Mello Mourão. Rio de Janeiro, 13 de agosto de 2002.

Para que sua história fosse escrita, Baudolino, personagem do filósofo italiano Umberto Eco escreveu e guardou suas memórias. Mas, uma vez perdidos os documentos, ou seja, a base material cuidadosamente produzida e conservada que garantiria a produção das *Gesta Baudolini*, sua própria vida se foi. No entanto, o “historiador” Nicetas lhe garante que, com os fragmentos do que puder lembrar, ainda será possível escrevê-la, demonstrando, então que não há limites mínimos para a massa documental necessária à produção da narrativa histórica.

Inspirados por esta passagem de Umberto Eco buscaremos compreender um pouco mais sobre a produção de uma narrativa histórica específica, buscando estabelecer relações de proximidade e ou afastamento entre os diversos autores publicados na *Enciclopédia do Integralismo*. Tais discursos serão fundamentais para analisarmos as relações interpessoais e intergeracionais deste grupo específico de indivíduos. Para tanto, utilizaremos como mote de análise o usual estudo de trajetórias biográficas coletivas, bem como a peculiar construção narrativa propugnada pelo fictício historiador Nicetas, ou seja: é do fragmento que se reconstrói o mosaico da vida. (ECO, 2001:23)

A percepção de que é necessário compreender os movimentos conservadores e autoritários, não apenas pelos interesses sociais que representam, mas também pelas aspirações que levam seus aderentes a neles ingressarem, ou reingressarem motivou a diferenciação das gerações integralistas presentes nesta pesquisa. Nesse sentido, este item busca revelar parte das relações, aproximações e contradições estabelecidas entre os intelectuais integralistas que fizeram parte da *Enciclopédia do Integralismo*, bem como, estabelecer graus de cumplicidade, disputa ou convívio que tais personagens detinham no campo de forças político intelectual integralista.

Quem eram tais autores? Em que instâncias eles se relacionavam? Qual o grau de proximidade destes autores com o movimento integralista no momento em que são publicados na *Enciclopédia*? E no momento em que são publicados seus textos no interior deste compêndio qual foi a recepção dos que já não militavam no integralismo? Como compreender o fato de que, mesmo afastados do movimento no período da publicação do compêndio, alguns destes intelectuais fossem utilizados como exemplos de uma expressão muito utilizada na época pelos militantes integralistas: “eram a cola da militância!”, como construir um panorama sobre tais relações? É a partir deste

quadro que começaremos a estabelecer tais tessituras, buscando, na medida em que for possível, cindir e urdir a posição de alguns desses personagens com sua permanência ou ruptura frente ao movimento.

### **Os três quadros e suas interseções**

Tomando por base o processo de seleção, elaboração e construção do perfil deste compêndio, foram elaborados três quadros<sup>6</sup> a partir da leitura de fragmentos biográficos disponíveis dos mais de 50 autores selecionados nos 12 volumes da *Enciclopédia do Integralismo*. O critério inicial adotado para a seleção e a análise dos quadros foi o da separação por gerações, mediado fortemente pelas intersecções que se apresentavam possíveis no momento de suas análises. Assim, poderemos perceber aproximações e ou discrepâncias entre uns e outros quadros, de acordo com as permanências ou mudanças de cada indivíduo em cada quadro. Neste sentido, a despeito das características específicas de cada quadro (o primeiro quadro verse sobre os condicionantes da primeira geração; o segundo, sobre a majoritária parcela de integralistas que militaram na década de 1940/50, e o terceiro, sobre o grupo contemporâneo à publicação da *Enciclopédia do Integralismo*), neste subitem buscaremos apontar possíveis intersecções percebidas nesses três quadros, apresentando os resultados desta leitura de maneira inter-relacionada. Objetiva-se com isto, alcançar algumas das clivagens neles contidos.

Para tanto, serão levados em consideração os recursos mobilizados para a ascensão destes autores ao patamar do que os integralistas auto proclamaram de “personagens significativos do integralismo”<sup>7</sup>, categoria de análise, aliás, sugerida pelo próprio idealizador do compêndio, quando da publicização do empreendimento editorial, em meados dos anos 1950.<sup>8</sup>

Vale ainda ressaltar que a apresentação dos indivíduos nestes três quadros deve, antes, ser visto como apenas uma das infinitas possibilidades de análise. A escolha por analisar tais gerações tornou-se, então, apenas uma das clivagens possíveis. Por isso, a

---

<sup>6</sup> Trata-se de três quadros que correlacionam informações biográficas primárias com dados pontuais sobre a atuação político-militante dos integralistas vinculados à *Enciclopédia do Integralismo*, bem como as diversas intersecções possíveis diante de suas leituras de mundo.

<sup>7</sup> ROCHA DOREA, 1957, *A Marcha*, 17/10/1957, p.4.

<sup>8</sup> Idem, p.4

construção de uma identidade geracional definida por seus pares como “aberta às diferenças” ajudou a fixar na lembrança de seus contemporâneos a idéia de que o integralismo, de alguma maneira, havia chegado muito próximo de deter as rédeas do poder.

No entanto, sua trajetória ajuda a entender que os integralistas dos anos 40 e 50 representaram apenas, um significativo corpo de retaguarda que fora, tardiamente, desarticulado no período pós 1964. Na percepção de muitos indivíduos destas gerações, o movimento transmutou-se como Fênix, abandonando suas características mais anedóticas. Mas das suas cinzas esverdeadas, e de seu “histriônico piado”<sup>9</sup>, só sobrou, a saudosista e octogenária militância. Muitos dos que sentaram praça neste integralismo jocosamente chamado de *galinha verde*, também emprestaram textos para a *Enciclopédia do Integralismo*, dando nestes, manutenção às formas e conteúdos de sua filiação ao movimento.

Deste modo, a partir da análise destas três gerações integralistas, em algumas áreas de sua sociabilidade foi possível pôr em evidência um conjunto de propriedades e relações inerentes a cada uma dessas gerações. Os dados obtidos indicam que o fato da primeira geração prescindir às outras duas, aponta para a importância dada pelo selecionador dos autores da *Enciclopédia*, no sentido de privilegiar o integralismo dos anos 1930, em detrimento das outras roupagens que o movimento vestiu nos demais momentos de sua atuação política.

A partir do estudo dos trajetos biográficos destes agentes ficou evidente que a tarefa de seu elaborador foi marcada por um caráter proselitista e propagandeador, o que fez deste empreendimento único no seu gênero no período. O conteúdo dos escritos contidos na *Enciclopédia do Integralismo* são a prova de que o movimento integralista vendia uma imagem edulcorada de si mesmo, o que não escondeu a ambigüidade de um integralismo passadista.

---

<sup>9</sup> LACERDA, Carlos. O piado da piada verde. **Tribuna da Imprensa**, 12/07/1957. p. 9.

## Referências

- ABREU, Alzira Alves de [et. al.]. **Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930**. Edição revista e atualizada. Rio de Janeiro, Ed. FGV; CPDOC, 2001. 5 volumes. AC/Primyl, 1995.
- ANSART, Pierre. **Ideologias, conflitos e poder**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- BERSTEIN, Serge **Les Cultures politiques en France**, Seuil, Collection "L'univers historique", 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte**. São Paulo, Cia. das Letras, 1996, pp. 362-363.
- BURKE, Peter. O estudo das elites. In: **Veneza e Amsterdan: um estudo das elites do século XVII**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CHARLE, Christophe. A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. In:
- CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. **As celebrações do Jubileu de Prata (1957-1961)**. Unesp, 2001.
- DOMENACH, J. M. **A propaganda política**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1955.
- ECO, Umberto. **Baudolino**. 3. ed. Rio de Janeiro, Record, 2001.
- FERREIRA, Marieta de Moraes, ABREU, Alzira Alves de. (coord.). **Entre-vistas: Abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1994.
- \_\_\_\_\_ e SARMENTO, Carlos Eduardo. A República Brasileira: pactos e rupturas. PPP.451-495. In: GOMES, Ângela de Castro et al (Org.). **A República no Brasil**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira/FGV, 2002.
- FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz - UERJ/CNPq. **História e Prosopografia**. Anais da Anpuh, Rio de Janeiro, 2002.
- JOUTARD, Philippe. **Ces voix qui nous viennent du passé**. Paris, Hachette, 1983.
- MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo, Cia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_ **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. SP,
- SIRINELLI, J. François **Génération intellectuelle: khâgneux et normaliens de l'entre-deux-guerres**, Fayard Paris 1988.
- SAUVY, Alfred **Le pouvoir et l'opinion** – Paris: Payot, 1948.p.181.